



ROMANCE HISTÓRICO

ESTEVES, ANTÔNIO ROBERTO. *O ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (1975-2000)*. SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2010, 290 P.

Vicentônio Silva*

* vicrenos@yahoo.com.br
Doutorando em Letras/Literatura pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

(...) o que chamamos de romance histórico é um gênero narrativo híbrido, surgido de um processo de combinação entre história e ficção. (...) E embora desperte mais interesse no homem contemporâneo que quaisquer outras formas mais objetivas de linguagem, não se deve esquecer de que o substantivo nessa expressão é o romance. Assim, por mais que ele se sustente em fatos ou personagens históricos, trata-se de romance, ou seja, de ficção¹.

A manipulação da memória, promovendo de forma deliberada o esquecimento, apaga da lembrança situações constrangedoras².

As relações entre Literatura e História têm se adensado nos últimos anos, promovendo o aumento de trabalhos tanto no campo historiográfico quanto no da crítica literária. Entre os da teoria e da crítica literárias, títulos voltados ao

romance histórico disputam espaço nas prateleiras, predominantemente publicados por editoras universitárias como são os casos da Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro³ e da Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa⁴. A Editora Unesp lança *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*, de autoria de Antônio Roberto Esteves, professor do campus de Assis da Universidade Estadual Paulista, reconhecido como um dos mais destacados estudiosos da temática⁵.

Diferentemente de Alcmeno Bastos – cuja obra surpreende em decorrência do aprofundamento teórico nas páginas de livro de bolso, alicerçando suas explanações acerca do

* Peça teatral encenada pela atriz Denise Stoklos, na Universidade Estadual do Centro Oeste/UNICENTRO em 09 de outubro de 2013

1. ESTEVES, 2010, p. 31.

2. ESTEVES, 2010, p. 73.

3. BASTOS, 2007.

4. WEINHARDT, 2011.

5. WEINHARDT, 2011, p. 39.

romance histórico e dos diálogos entre Literatura e História – e de Marilene Weinhardt – nas páginas da obra de quem os integrantes de seu grupo de pesquisa dividiram-se em duas frentes, uma delas às tratativas teóricas; a outra, às análises – Antônio Roberto Esteves opta pela construção de panorama de romances históricos publicados entre 1975 e 2000. Conversão de sua tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, o título, além de dialogar com críticos e historiadores nacionais e estrangeiros, surpreende pelo resgate de Wilson Martins e de sua *História da Inteligência Brasileira* – republicada recentemente pela Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Introdutoriamente o autor informa que as diferenças entre Literatura e História passam efetivamente a existir a partir do século XX, entretanto, bem antes, as fontes literárias fundamentam a História tanto dos santos quanto dos chefes de estado. Citando Mario Vargas Llosa, esclarece que o leitor subscreve pacto fictício com o escritor. Abel Posse ressalta que “a literatura tem (...) a clara função de desmitificar a história para tentar descobrir uma versão mais justa”⁶. Carlos Fuentes constata que a Literatura “(...) propõe a possibilidade da imaginação verbal com uma realidade não menos real que a narrativa histórica”⁷. Hayden White lembra que a História é uma arte narrativa até inícios do século XIX. Paul Ricoeur enfatiza as formas simbólicas da narrativa ficcional

e da narrativa histórica, conceituando a História como romance real⁸. Para Hegel, o historiador deve narrar “(...) sem as deformações arbitrárias da criação poética”⁹. Bakhtin define o romance como a reinterpretação ideológica do passado.

Ao tratar diretamente do romance histórico, aponta os traços que escritores e estudiosos imprimem ao gênero, iniciando por Walter Scott (para quem são itens necessários: a) a ação: ocorre em momento anterior ao presente do escritor; b) o pano de fundo: ambiente rigorosamente reconstruído; c) as figuras históricas: ajudam a fixar a época; d) o desenvolvimento de episódio amoroso problemático), passando por Alfred de Vigny (protagonismo cabe a personagens históricos), Victor Hugo (exaltação de heróis, lições morais do passado a serem aplicadas ao presente, oferecimento de lugares às massas), Flaubert (enredo no passado, mas ideologia no presente).

Embora atribuído a Seymour Menton, o termo “novo romance histórico latino-americano” é usado inicialmente por Angel Rama. Fernando Ainsa elabora dez características que separam os romances atuais dos anteriores: “Os novos romances em questão apresentam uma polifonia de estilos e modalidades baseada, especialmente, na fragmentação dos signos de identidade nacionais, realizada a partir da desconstrução dos valores tradicionais”¹⁰. Seymour Menton e Célia Fernández Prieto¹¹ igualmente ressaltam outras características.

6. ESTEVES, 2010, p. 21.

7. ESTEVES, 2010, p. 22.

8. As relações entre História e Literatura são analisadas teoricamente em *O desafio historiográfico* (REIS, 2010) e, de maneira didática, voltadas aos iniciantes, em *História e Literatura: Literatura ou História?* (SILVA, 2013).

9. ESTEVES, 2010, p. 29.

10. ESTEVES, 2010, p. 36.

11. ESTEVES, 2010, p. 38-40.

Adentrando a seara brasileira, relembra dois nomes excluídos do cânone, porém de grande importância ao romance histórico: Justiniano José da Rocha (1812-1862) e João Manuel Pereira da Silva (1819-1898). Antonio Candido realça a importância de Luis da Silva Alves de Azambuja Suzano (1791-1873). A essa lista acrescentam-se Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1861), Antônio Gonçalves de Teixeira e Souza (1812-1861) e José de Alencar.

(...) os escritores brasileiros, em geral, seguirão escrevendo romances históricos heróicos até bem adentrado século XX. Uma vez consolidado o gênero pela pluma de Alencar, a produção de romances históricos segue a todo vapor. Conciliando duas vertentes de seu romance: o romance histórico, de raízes scottianas, mas com a questão da nacionalidade em pauta, reforçada pela eficaz descrição da natureza local; e o romance regionalista, que desloca a ação para o interior ou para regiões periféricas do império, reforçando a idéia de uma unidade nacional costurada a partir de uma série de fragmentos locais; alguns de seus seguidores produzem um romance histórico de cunho regionalista¹².

Entre alguns romancistas adeptos do romance histórico de cunho regionalista, identificam-se: Bernardo Guimarães (predominam quadros naturais rústicos em suas descrições), Franklin Távora (ausenta-se o desenvolvimento das

reações humanas sobrepostas às peculiaridades do tempo), Araripe Jr. (reconstrói episódios históricos), Júlio Ribeiro (exalta a “ação dos paulistas no processo de colonização de Minas Gerais”¹³), Paulo Setúbal (sucesso de vendas ao escancarar a vida privada de Dom Pedro I e da Marquesa de Santos, amante do imperador) e Alfredo Ellis Jr. Entre os mais contemporâneos, José Lins do Rego (com *Pedra bonita e Cangaceiros*), Jorge Amado (*Tocaia Grande*) e Érico Veríssimo (*O tempo e o vento*). João Felício dos Santos (revisa valores e ressuscita vencidos) e Agripa de Vasconcelos (reaparecem, na história de Minas Gerais, excluídos sociais, raciais e de gênero) encerram o rol dos homens, abrindo-se, em seguida, o das mulheres, em que se encontram Ana Luiza de Azevedo Castro (1823-1869), Josefa Farias, Cecília Bandeira de Mello (1870-1940), Cacilda de Resende Pinto, Maria José Monteiro Dupré (1905-1984), Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) e Dinah Silveira de Queirós (1917-1982).

Ao se debruçar sobre o novo romance histórico, Seymour Menton elabora lista de trabalhos publicados até 1992 e da qual constam Márcio Souza, Silviano Santiago, João Ubaldo Ribeiro, José J. Veiga e Haroldo Maranhão. Depois de 1992, surgem João Silvério Trevisan, que discute “(...) o que é modernidade e pós-modernidade; qual a relação entre a arte e a realidade; qual a identidade do brasileiro; qual o papel da mestiçagem cultural em nossa história; qual o papel do

13. ESTEVES, 2010, p. 53-54.

12. ESTEVES, 2010, p. 51.

14. ESTEVES, 2010, p. 64.

intelectual em um país periférico como o Brasil (...)”¹⁴, e Isaías Pessotti, bom articulador da ação em tempo distante aliada à aventura.

O segundo capítulo analisará as obras – assim como suas respectivas representações no cenário literário – de Paulo Leminski, Márcio Souza, João Antônio, Rubem Fonseca e Silviano Santiago.

Uma das leituras que se pode fazer do livro de Leminski vai nessa direção: a impossibilidade de ler a realidade americana pela óptica do racionalismo europeu. Óptica utilizada em sua plurissignificação: ao mesmo tempo que significa ponto de vista, também se refere às lentes da luneta por meio das quais Cartesius (que historicamente também foi um dos fundadores da ciência óptica) vê a realidade que o rodeia. Mais que uma obra estritamente vanguardista, como poderia parecer à primeira vista, graças a seu exagerado experimentalismo, o *Catatau* de Leminski poderia ser lido como uma obra pós-moderna, ao propor a celebração dos múltiplos pontos de vista¹⁵.

15. ESTEVES, 2010, p. 79.

Márcio Souza lança a região Amazônica dentro da história, mesmo permanecendo à margem do mundo industrializado. Vale-se de gêneros híbridos (memória e romance picaresco) e do tom carnalizado: “Pela teia intertextual e narrativa, estilizada como um mosaico, fica evidente a noção de

transitoriedade, relativismo e fragmentação da pós-modernidade”¹⁶. A perspectiva da pós-modernidade também se encontra em João Antônio, obra considerada “(...) uma espécie de polifonia discursiva”¹⁷, em Rubem Fonseca, onde brota “(...) fértil discussão das relações possíveis entre a literatura e a história, dentro da poética da pós-modernidade”¹⁸ e em Silviano Santiago, artífice da desconstrução simbólica, cujo romance, “(...) por sua capacidade polifônica, seria uma forma privilegiada de discurso na qual as múltiplas vozes presentes serviriam para dessacralizar a história oficial, imposta em determinado momento, de acordo com os interesses dos grupos que controlam o poder”¹⁹.

16. ESTEVES, 2010, p. 93.

17. ESTEVES, 2010, p. 100.

18. ESTEVES, 2010, p. 111.

O capítulo terceiro dedica-se a explicar a escolha de escritores ao cargo de protagonistas ou personagens, começando por Bento Teixeira (1561-1600), destaque em dois romances: o primeiro – *Os rios turvos*, lançado em 1993, de autoria de Luzilá Gonçalves Ferreira, dá voz a Filipa Raposa, esposa de Bento Teixeira, assassinada pelo marido em razão de ciúmes – denuncia o papel da mulher no período colonial; o segundo – *O primeiro brasileiro*, publicado em 1995 por Gilberto Vilar – narra a vida do escritor do período colonial. O padre Antônio Vieira e Gregório de Matos são personagens de *Boca do inferno*, de Ana Miranda, que mostra como cada um dos escritores via o mundo, destacando as tramas e as articulações da atuação política do padre e a paixão descrente do

19. ESTEVES, 2010, p. 121.

poeta. Antônio José da Silva, o judeu, transforma-se em personagem nas penas de Isolina Bresolin Vianna e de Carlos A. de Azevedo.

Em 1989, por ocasião dos 200 anos da Inconfidência Mineira, a Lê, editora sediada em Belo Horizonte, lança a coleção “Romances da História”, dedicando ao público juvenil ficções das vidas de Tiradentes, Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, entre outros árcades. Do século XIX, surgem Gonçalves Dias (em *Dias e dias*, de Ana Miranda, conta-se sua trajetória a partir da visão de uma mulher) e Qorpo Santo (codinome do teatrólogo José Joaquim de Campos Leão; ocupa lugar de destaque em *Cães da província*, de Luiz Antônio de Assis Brasil). Das primeiras décadas do século XX destacam-se Machado de Assis – a quem Haroldo Maranhão dedica seu *Memorial do fim* – e Augusto dos Anjos – objeto de inspiração de Ana Miranda em *A última quimera*.

O quarto capítulo aborda especificamente alguns títulos, iniciando-se com *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

(...) o grosso volume, com cerca de setecentas páginas em letras miúdas, propõe-se a contar a história do Brasil invertendo-se o foco normalmente utilizado pela história oficial: deixa de ser história do Brasil e passa a ser história do povo brasileiro. Desde o princípio os protagonistas dessa espécie de epopéia

às avessas são personagens populares, embora os episódios da história nacional e regional apareçam como pano de fundo e os heróis oficializados pelo sistema vigente estejam presentes, formando uma imagem distante, bastante embaçada²⁰.

João Silvério Trevisan instala-se no gênero com *Ana em Veneza*, mais de seiscentas páginas em que a torrente de fragmentos organiza-se caoticamente. Propõe a superação da modernidade e o “(...) ingresso em uma pós-modernidade, híbrida e multifacetada, na qual convivem lado a lado, em perfeita (des)harmonia, os diversos elementos constituintes disso, que se podem chamar de cultura brasileira”²¹.

Uma das marcas do romance histórico contemporâneo, conforme repetimos ao longo deste trabalho, é devolver a palavra a setores que tradicionalmente têm sido silenciados pelo discurso oficial, com o objetivo de construir uma versão mais justa. O mais importante desses grupos é, sem dúvida, constituído pelas mulheres, relegadas na cultura ocidental a um papel secundário e silencioso²².

O fragmento acima sintetiza o estudo que, nesta parte, analisa três autoras que escolhem três mulheres para protagonistas relendo, dessa maneira, as funções femininas. Em *Os rios turvos*, publicado em 1993 e premiado pela Academia Brasileira de Letras, Luzilá Gonçalves Ferreira inclina-se à

20. ESTEVES, 2010, p. 170.

21. ESTEVES, 2010, p. 187.

22. ESTEVES, 2010, p. 188.

23. ESTEVES, 2010, p. 191.

história do autor de *Prosopopéia* (1601), considerado o primeiro livro da Literatura Brasileira. Possuído pelos ciúmes, o escritor mata a esposa Filipa Raposo. Ganha voz, descobre a sexualidade, repensa princípios: “(...) Luzilá Ferreira apresenta uma Filipa inteligente e perspicaz. Ela é capaz de discutir com o marido não apenas a qualidade de seus textos literários, mas também outros temas artísticos e filosóficos, como a poesia clássica ou renascentista ou temas bíblicos”²³. O centro da ação de *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, é o protagonismo feminino representado, no enredo, por Oribela, órfã enviada pela rainha de Portugal em 1551 com a finalidade de se casar com colono radicado no Brasil, assim resguardando a pureza racial e a formação de famílias cristãs. *Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz* (1997), da lavra de Heloisa Maranhão, apresenta a voz narrativa em primeira pessoa de uma ex-escrava e ex-prostituta, detentora de manifestações místicas que, na velhice, constrói abrigo para ex-meretrizes. Seu processo – personagem inspirada em mulher torturada pela Inquisição – foi descoberto pelo antropólogo Luiz Mott. A protagonista suscita dois questionamentos: o papel do negro e o da mulher negra e escrava.

Depois de apontar títulos e obras lançadas em decorrência das comemorações dos quinhentos anos de descobrimentos do Brasil, *Mad Maria*, de Márcio Souza, ocupa as atenções do pesquisador:

(...) pode-se dizer que um dos temas centrais do romance é o conflito que normalmente se apresenta sob o binômio “civilização” versus “barbárie”, que dominava as letras brasileiras daqueles anos e continua sendo tema ao longo de praticamente todo o século XX. O antagonismo entre a civilização e a barbárie, apresentando a revolução industrial como uma espécie de panacéia, motor de praticamente todo o século XIX, da qual a ferrovia é seu mais ilustrativo ícone, perpassa todo o romance. A própria idéia de construir uma estrada de ferro no interior da selva amazônica faz parte dessa mentalidade²⁴.

24. ESTEVES, 2010, p. 222.

A conclusão remata os pontos detalhadamente expostos ao longo da dissertação, ressaltando o aumento do interesse por livros de ficção voltados à abordagem de momentos históricos, aguçado invariavelmente pelo mercado editorial que, nem sempre – ou quase nunca, busca o equilíbrio entre qualidade e quantidade de suas publicações. Anexos listam os romances históricos brasileiros publicados entre 1949 e 2000.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao romance histórico**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento Silva. História e Literatura: Literatura ou História?. In: SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento et. al. **História: Diálogos & Paradigmas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p.9-24.

WEINHARDT, Marilene (org.). **Ficção histórica**: teoria e crítica. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.